

# O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

Luiz Ricardo Guimarães\*

---

## Resumo

A preocupação mundial com a água tem tido especial destaque no panorama internacional, principalmente com a divulgação de relatórios da ONU sobre escassez hídrica e alterações climáticas. Noticiou-se que haverá guerra pela água nas próximas décadas e, ao mesmo momento, grande contingente de brasileiros se amedrontou com a possibilidade de invasões militares, devido ao fato de possuímos grandes reservas aquíferas. Será que há possibilidade de tal fato ocorrer ou apenas serve de chamariz para que os verdadeiros interesses econômicos dominassem o Sistema Aquífero Guarani?

## Abstract

World's concern about water has been in eminence in the international panorama, mostly after the divulgation of UNO's reports about hydric lack and climatic changes. It has been announced that there will be war for water in the coming decades. At the same time, a big contingent of Brazilian people was frightened by the possibility of military interventions, because of our big water supplies. Is there any possibility of this to happen or is it only a decoy for the real economic interests to dominate the Guarani Aquifer System?

---

Da população mundial atual de mais de 6 bilhões de habitantes, segundo dados do Relatório do Desenvolvimento Humano 2006 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, há mais de um bilhão de pessoas que não têm acesso à água potável e 2,6 bilhões de pessoas que não possuem saneamento básico (PNUD, 2006).

---

\* Mestre pela Faculdade de Direito de Bauru, recém-doutor em Ciências Sociais/Relações Internacionais pela PUC-SP, professor do Curso de Direito da Unimep, lrguimaraes@terra.com.br.

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

A divulgação desse relatório, em 2006, levou a população nacional a se lembrar do tão divulgado Sistema Aquífero Guarani (SAG), que se trata de uma das maiores reservas de águas subterrâneas do planeta e ocupa uma área de aproximadamente 1.200.000 km<sup>2</sup>, estendendo-se por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Não se deve esquecer que a maior parte do SAG está em território brasileiro. Para se ter uma idéia, a área ocupada pelo aquífero é equivalente aos territórios da Inglaterra, França e Espanha juntos, sendo que 69% da área total do SAG está em território brasileiro, espalhado pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nos últimos anos, o Guarani tem sido objeto de diversos estudos científicos para especificar melhor suas águas e abrangência, tendo em vista que na época de sua divulgação nos meios de comunicação pouco se conhecia sobre ele. Há divergências sobre sua extensão, interconexão, qualidade de suas águas, entre outros aspectos, mas um ponto é certo: trata-se de uma imensa reserva de água em solo brasileiro.

Além de possuir um baixo custo de extração de suas águas, elas, em parte, são de excelente qualidade. As águas do SAG têm diversas finalidades, como abastecimento público, engarrafamento de água mineral, agroindústria, turística e termal.

Esse manancial de águas, desperta os mais variados interesses mundiais. Diversos países considerados desenvolvidos pesquisam, há décadas, as águas subterrâneas pois, ou possuem uma limitação de tão precioso líquido ou conhecem sua importância para um panorama econômico futuro que muito depende de recursos hídricos.

Infelizmente, os governantes brasileiros, devido à grande quantidade de água superficial, nunca deram muita importância à água subterrânea. A população, muito menos, pois recebe uma água de excelente qualidade, tratada, a um preço irrisório, na maior parte do território nacional.

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

Aqui, se destacará os interesses no Sistema Aquífero Guarani por parte dos Estados Unidos da América do Norte (EUA), devido ao fato de se tratar da maior economia mundial, sede de diversas multinacionais e possuir um poderio bélico inigualável. E é exatamente seu poderio militar que tem gerado medo, na sociedade brasileira, de uma possível invasão para usurpar o Guarani. Mas, será que tal temor tem fundamento?

### **Há a possibilidade de guerra?**

Sempre existe, quando se trata de bens que geram interesses econômicos, o temor de invasões militares. Tal fato é agravado pelo “efeito Iraque”, onde, mesmo contrariando o entendimento da ONU, os EUA invadiram esse espaço de terra no globo, visando unicamente o domínio sobre um recurso mineral do qual sua economia depende: o petróleo. Ao se divulgar na mídia que a água gerará, nas próximas décadas, os mesmos interesses que o petróleo gera atualmente, chamando-a até mesmo de “ouro azul”, em comparação com o “ouro negro”, e que o Brasil possui uma das maiores reservas mundiais de água subterrânea, a conclusão lógica que se chega é que poderíamos ser invadidos para uma expropriação através da força. E, quem, atualmente, tem poder para ultrapassar qualquer fronteira e dominar militarmente bens pertencentes à soberania de outra nação, a não ser os EUA?

E, esse temor aumentou, principalmente, após os ataques terroristas de 2001 ao território americano, onde se divulgou várias zonas terroristas mundiais, e, mais precisamente uma área que se relaciona com Brasil, Paraguai e Argentina que é a Tríplice Fronteira, delimitada pelas cidades de *Puerto Iguazu*, na Argentina, *Ciudad del Este*, no Paraguai e Foz do Iguaçu no Brasil.

Ela é tanto conhecida pela suas belezas naturais, como pelas atividades ilícitas abundantes. Lavagem de dinheiro, tráfico de drogas, falta de fiscalização das autoridades competentes, falsificação de dinheiro, pirataria, tráfico de armas, contrabando, descaminho, entre outras.

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

É sabido que após os atentados de 11 de setembro de 2001 contra os EUA, houve grande repercussão das ameaças terroristas. Devido à quantidade de imigrantes de origem árabe nessa região, os EUA divulgaram que têm enorme interesse na região e que a mesma deveria ser protegida por forças internacionais (no caso, as norte-americanas).

Para os Estados Unidos da América do Norte, conforme noticiou o periódico *Misiones on Line*, em um encontro “anti-terrorista” realizado em Puerto Iguazu, na Argentina, em dezembro de 2002, com representantes do Brasil, Paraguai, Argentina e Estados Unidos, foi dito por J. Cofer Black, coordenador de anti-terrorismo do Departamento de Estado Americano, que os Estados Unidos destinariam um milhão de dólares para a Tríplice Fronteira, para investigar relações com o terrorismo e que naquela região as atividades exercidas financiavam o terrorismo e que eles se dispunham a colaborar contra essa ameaça (MISSIONESONLINE, 2002).

Essa localidade é uma das regiões ambientais mais belas, ricas e cobiçadas do planeta há diversas décadas. Há milhares de turistas por ano visitando as cataratas, entre outros atrativos naturais. Mas, o que essa área tem a ver com o Guarani? O que não é muito divulgado é que a tríplice fronteira, onde se encontram as cataratas do Iguaçu e a hidrelétrica de Itaipu, é nada mais nada menos do que o “coração” do Sistema Aquífero Guarani. É uma área de afloramento, onde há a carga e descarga de suas águas. Muito da preservação em que se encontram os recursos hídricos do SAG se deve ao fato dessa área sempre ter sido protegida. Só que tal fato não é divulgado. Assim, quem controlar os recursos ambientais da tríplice fronteira deterá uma parte importante do Guarani.

Desde 1999, há a decisão CMC nº 22/99 do Mercosul, que institui o plano geral de cooperação e coordenação recíproca para a segurança regional (anterior, portanto, aos ataques terroristas de 2001), que em sua seção segunda, sob o título de “terrorismo”, após descrever que os países

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

membros trocarão entre si informações sobre terrorismo e criarão um sistema de consulta rápida, em seu item 5, esclarece que haverá:

Intercâmbio de experiências e capacitação de técnicos e especialistas, incluindo aportes provenientes de terceiros países, com o objetivo de otimizar as estratégias dos organismos competentes dos países signatários e melhorar a profissionalização dos recursos humanos (grifo do autor).

Bom, diante de tal texto, pode-se concluir facilmente que as preocupações “terroristas” já existiam anteriormente aos ataques de 2001 aos Estados Unidos. Bem interessante o fato de países que não têm preocupação terrorista fazerem um documento com um tópico dedicado ao terrorismo e já colocarem nele que haverá intercâmbio com outros países. É cediço que o país que tem mais “know how” e interesse em terrorismo são os EUA.

Além dos EUA terem a intenção já divulgada de instalar uma base militar no local, que diz ser “de forças internacionais”, o Paraguai já permitiu que haja exercícios “regulares” de treinamento de tropas estrangeiras para combate ao narcotráfico e terrorismo. Esse “regulares” poderia ser trocado por “permanentes”, pois o interesse econômico de países em desenvolvimento com a economia americana é inegável.

O presidente do Paraguai, Nicanor Duarte, afirmou, no mês de julho de 2006, que irá deixar o Mercosul se Brasil e Argentina não interromperem suas práticas protecionistas ou não permitirem a negociação de acordos bilaterais com países de fora do bloco (FOLHA ONLINE, 2006).

O Uruguai negocia um acordo bilateral com os EUA (o que contraria as regras do Mercosul) e está buscando acordos com a China e Índia. “Estamos pensando claro, nos EUA, que é nosso principal cliente, mas também na China”, disse o ministro da Economia do país, Danilo Astori. Segundo o ministro, já estão em negociações um acordo bilateral com a China que provavelmente será um Tratado de Livre Comércio. Há andamentos, um pouco mais lentos, de um acordo com a Índia. Já com os EUA as negociações estão em fase avançada, havendo reuniões marcadas

para o início de outubro. Por último, Astori destacou que o Uruguai sairá ganhando com um acordo com os EUA e de que não há uma só prova de um país pequeno, médio ou grande que tenha realizado um acordo comercial com os EUA e tenha saído prejudicado (FOLHA ONLINE, 2006).

Em um encontro realizado na Argentina, em 2002, o coordenador norte-americano da luta contra o terrorismo, J. Cofer Black, destacou que "a Argentina é uma grande parceira dos Estados Unidos na luta contra o terror" (OZ, 2006). Isso mostra que eles estão entrando em cada país isoladamente, principalmente se o país necessita de alguma contra-partida norte-americana (e qual país hoje não necessita, na visão do interesse econômico e político de seus governantes?).

Aqui já se percebe que dois países da tríplice fronteira já estão nas mãos norte-americanas, só faltando (imagina-se) o Brasil. Acreditava-se que, devido a ascensão do presidente Lula ao poder, os interesses norte-americanos estariam afastados. Mas, tal fato já não pode mais ser afirmado, devido aos recentes agradecimentos brasileiros e norte-americanos visando o comércio internacional de etanol.

Uma base militar seria a melhor forma de controle, pois diante da coação física não há resistência e muito menos democracia. Mas, uma instalação bélica na região poderia gerar algum tipo de aversão e criar embaraços para o controle norte-americano. Provavelmente, a divulgação de uma base militar na tríplice fronteira é apenas um chamariz para desviar a atenção dos que querem proteger a área.

Há mais de 50 anos o professor Luiz Alberto Moniz Bandeira tem como objeto de estudo os Estados Unidos da América. Ele fala que cerca de 6.300 militares americanos estiveram baseados ou realizaram operações na região da Amazônia entre 2001 e 2002, em todos os países sul-americanos, menos na Venezuela. Deve se lembrar da Base de Manta, no Equador, e outras, no Peru, na Bolívia. Algumas são permanentes, outras são para ocupação ocasional. E há a indicação de uma no Paraguai, que o governo daquele país nega, mas que não é propriamente uma base:

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

eles têm uma pista construída desde a década de 80, maior do que qualquer pista de pouso brasileira. Agora, a notícia é de que terão 400 soldados norte-americanos no Paraguai (DEAK; PAIVA, 2006).

Os EUA financiaram uma base para a Secretaria Nacional Antidrogas do Paraguai em Pedro Juan Caballero, vizinha à brasileira Ponta Porã e que será utilizada também pela polícia antidrogas norte-americana (Drug Enforcement Administration – DEA), conforme foi divulgado na inauguração ocorrida em 22 de agosto de 2006. O governo americano disponibilizou US\$ 448.000,00 para a construção e manutenção da base. Os agentes paraguaios foram treinados pela DEA e tem grande comunicação com a Polícia Federal brasileira, que mantém um grande efetivo na região. O objetivo é atingir até Itaipuá, na Argentina (AGÊNCIA ESTADO, 2006).

O assunto do terrorismo pode parecer datado, mas ele voltou à pauta com toda força no ano de 2006, com a divulgação de relatório do Departamento de Tesouro dos Estado Unidos detectou transferências de dinheiro de Foz do Iguaçu para grupos terroristas – entre eles o libanês Hizbollah. (MERLI, 2006).

Esse fato gera total mal estar, pois as atividades do Hizbollah é que foram o estopim para a volta da guerra entre Israel e Líbano, gerando diversos refugiados, muitos deles brasileiros que acabaram retornando através de vôos fretados pelo governo brasileiro. O que é pior é que, diante da necessidade de tirar os brasileiros com urgência do Líbano, muitos estavam sem a documentação necessária e foi acelerado o processo de envio de passaportes, o que pode ter gerado “falsos brasileiros” e mais uma oportunidade de dizerem que terroristas vieram para a Tríplice Fronteira e aqui criaram novas células e, provavelmente, os próximos ataques surgirão dessa região, devido à forte presença militar norte-americana no Oriente.

Acredita-se que, na comunidade árabe e muçulmana da tríplice fronteira (cerca de 20.000 pessoas), residem simpatizantes terroristas atuantes com ligações diretas com o grupo terrorista shiita libanês

Hizbollah, com o grupo fundamentalista Hamas, com o egípcio islâmico Jihad e até mesmo com a Al-Qaeda. Uma minoria de árabes e muçulmanos não esconde sua simpatia e apoio financeiro para o Hizbollah, que consideram um partido político libanês legítimo (ABBOTT, 2005). A população árabe e muçulmana na América Latina chega a 6 milhões de habitantes.

Em 26 de março de 2003, em testemunho para o Comitê sobre Relações Internacionais, Subcomissão sobre Terrorismo Internacional, não proliferação e Direitos Humanos, Câmara dos Deputados dos EUA, Washington D.C., J. Cofer Black, Coordenador de Contraterrorismo do Departamento de Estado declarou que em dezembro de 2002, Argentina, Brasil, Paraguai e EUA, concordaram: “que não há informação tática, detalhada e concreta que apoie a teoria sobre a existência de potenciais células ou integrantes da Al-Qaeda na tríplice fronteira” (BLACK, 2003).

Mas, mesmo diante de tais fatos, a possibilidade de guerras por água é muito remota no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo e dos interesses econômicos das elites, principalmente da brasileira.

Em artigo publicado no dia 24 de agosto de 2006, no *International Herald Tribune*, os especialistas Kevin Watkins e Anders Berntell, ao discorrer sobre a escassez de água neste século, destacam que há a possibilidade de guerras pela água e que a CIA, a consultoria PriceWaterhouseCoopers e o Ministério de Defesa britânico levantaram o espectro de futuras guerras por água, devido ao fato da redução de recursos hídricos no Oriente Médio, Ásia e África sub-Saariana (WATKINS, 2006).

Inclusive, observando os últimos 50 anos, verifica-se cerca de 37 casos de violência declarada entre Estados devido à água, e a maioria dos episódios envolveram disputas menores. Entretanto, foram negociados mais de 200 tratados da água. Alguns destes tratados, como o Tratado da Bacia do Indo, entre a Índia e o Paquistão, mantiveram-se em vigor mesmo durante conflitos armados (PNUD, 2006).

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

Na maioria dos casos históricos, mesmo quando há guerras entre países, em relação à água geralmente é feito um acordo de cooperação. Quando se trata de reservas de água transfronteiriças (há 145 países que têm pelo menos uma bacia de rio compartilhada em bacias hidrográficas compartilhadas, englobando 90% da população mundial), entre 1948 e 1999, segundo a UNESCO houveram 1.831 interações internacionais registradas, incluindo 507 conflitos, 96 acontecimentos neutros ou não significativos e 1.228 instâncias de cooperações. Ou seja, é mais provável a cooperação do que o conflito. (DEEN, 2006).

Portanto, há a possibilidade de guerras por água e de invasões militares, não podendo tal fato ser descartado mas, ao contrário do que a maioria da população brasileira pensa (e muitos políticos, ambientalistas e cientistas) as águas do Sistema Aquífero Guarani já estão se internacionalizando a uma velocidade alarmante.

### **Desbravando o Guarani**

Para conseguir a exploração econômica do Sistema Aquífero Guarani é necessário conhecê-lo, saber onde estão as melhores águas, entre outros pontos. E, para isso, paralelamente a outras investigações científicas de menor porte, atualmente está em fase de conclusão o Projeto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do Sistema Aquífero Guarani (PAG).

O PAG tem o valor total de US\$ 26.760.000,00, financiados pelo *Global Environment Facility* ou Fundo Mundial do Meio Ambiente (FMAM), Banco Mundial, Agência Internacional de Energia Atômica, o Instituto Federal de Geociências e Recursos Naturais da Alemanha e Organização dos Estados Americanos, além de uma contrapartida dos países beneficiários (PAG, 2005). O Projeto Sistema Aquífero Guarani tem por objetivo, através de financiamento estrangeiro, mapear e melhorar o conhecimento sobre o Guarani.

Há uma grande discussão em torno do projeto, pois para a maioria dos ambientalistas e cientistas, estaria se vendendo ao capital estrangeiro todo o mapeamento do Sistema Aquífero Guarani a um preço irrisório.

Ernani Francisco de Rosa Filho, professor de hidrogeologia da Universidade Federal do Paraná, é um dos idealizadores do Projeto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do Sistema Aquífero Guarani, que atualmente é o projeto executado pela Unidade de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente da Organização dos Estados Americanos (OEA). Ele revela, em entrevista à EcoTerra Brasil, que em 1992 surgiu a idéia dos estudos referentes ao Sistema Aquífero Guarani, juntamente com outro professor de hidrogeologia, da Universidad de La Republica Oriental del Uruguay, Jorge Montaña Xavier. Com o crescimento do projeto e a falta de interesse do governo, Unesco e Comunidade Européia, tentaram, como última alternativa, o Banco Mundial (em 1999), que aceitou, devido ao fato de ser politicamente interessante por envolver quatro países. Quando a OEA entrou no projeto como executor, ela excluiu as universidades e apagou a história, passando as mesmas à condição de convidadas. Quando o organograma foi apresentado ao Banco Mundial, as universidades eram as executoras. Ao final, propuseram distribuir 370 mil dólares do governo holandês entre para nove projetos cada um constituído por três universidades. Ele destaca que a idéia inicial era puramente técnico-científica (CROCETTI, 2006).

O secretário geral do PAG é o brasileiro Luiz Amore. Em entrevista ao EcoTerra Brasil ele faz alguns esclarecimentos sobre o projeto, como a de que o conhecimento básico (que era o objetivo das universidades) é um dos aspectos do projeto, porém não o único. O objetivo principal é a gestão do Aquífero Guarani, com a criação das Unidades Nacionais de Execução do Projeto nos quatro países (no Brasil ainda existem as Unidades Estaduais). Ele discorre, ainda, sobre a participação das universidades, que atualmente constituem em nove projetos e dezessete instituições

trabalhando conjuntamente nesses projetos. Ele reclama que, quando chegou ao Uruguai estava sozinho e teve que fazer licitação para tudo, o que burocratizou demais o avanço dos estudos, que se iniciaram em 2003. Em suas palavras: “É muita gente, muito interesse, muito país, muito estado, muita instituição, muito organismo dentro de cada instituição, e são instituições pesadas. Vai mais lento do que eu gostaria, sem dúvida, mas vai”. Ainda, ele deixa bem claro os interesses do GEF (Fundo Global para o Meio Ambiente) são os de que haja um forte componente de desenvolvimento de gestão; tem-se que gerir o Guarani, não só conhecê-lo (CROCETTI, 2006a).

Quanto às universidades, a idéia é de que elas são parte do projeto, pois o projeto é uma questão de governo, de gestão. Cada país vai gerir o aquífero de forma integrada, mas como lhes convier, podendo fazer o que quiser com essa gestão (em relação a uma eventual privatização da gestão). São suas palavras: “o mundo está muito interessado no Aquífero Guarani, porque é o primeiro Projeto do GEF de águas subterrâneas transfronteiriças do mundo inteiro” (CROCETTI, 2006).

Diante de tais textos e declarações pode-se compreender bem que os interesses são puramente econômicos e de gestão. Nem mesmo o pessoal envolvido sabe exatamente o que vai ser produzido e para que serve o que estão fazendo. Os interesses mundiais são óbvios e o objetivo é que a gestão do aquífero seja internacionalizada e, preferencialmente, privatizada.

A única certeza que se pode ter é a de que, mesmo que os estudos sejam divulgados na íntegra, eles vão ser muito mais úteis e benéficos para as multinacionais e para os países desenvolvidos, pois tais países já possuem uma preocupação com a água e têm estudos que mostram que as reservas de água serão altamente rentáveis no futuro, no panorama econômico, enquanto os países em que o aquífero está localizado ainda estão engatinhando em relação ao quanto vale a água e os recursos naturais que possuem e o que devem fazer com eles.

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

Assim, quem conhecer primeiro as informações geradas pelos estudos científicos, saberá de antemão quais são os melhores pontos de exploração do Guarani e a finalidade das águas em determinada região. Possuindo grande capital disponível, poderá adquirir áreas que terão enorme valor em um futuro bem próximo. Mesmo que essa não seja a intenção daqueles que fazem parte e desenvolvem os estudos, é o que acabará ocorrendo.

### **O poder econômico**

Só para se ter uma idéia do potencial econômico do Sistema Aquífero Guarani cabe destacar alguns tópicos para reflexão se ele gera interesses internacionais ou não.

No caso do engarrafamento de água, o panorama mundial do mercado de águas envasadas apresentado no *First Global Bottles Waters Congress*, na cidade de Evian, França, em outubro de 2004, revelou que o consumo de águas deverá chegar a 206 bilhões de litros até 2008. No Brasil, os números de importação de água, em 2004, totalizaram 502.000 litros, correspondentes a US\$ 137.000,00 provenientes da França (59%), Itália (35%), Portugal (4%) e Reino Unido (1%) e os principais blocos econômicos de origem foram União Européia (92%) e Mercosul (2%). As exportações, em 2004, são insignificantes (mas estão em altas vertiginosas comparadas a anos anteriores), representando apenas 384.000 litros equivalentes a US\$ 114.000,00, e foram direcionadas para Angola (31%), EUA (22%), Paraguai (17%), Japão (7%) e Argentina (5%) e os principais blocos econômicos de destino foram Mercosul (60%), demais países da Aladi (21%) e África (12%) (CAETANO; CARVALHO, 2005).

O engarrafamento de água é lucrativo e está em crescimento. A possibilidade de exportação de água, que é um dos grandes temores divulgados em relação ao Guarani, é muito pequena. Poderá, um dia, se houver um investimento representativo em propaganda, aproveitando a onda de divulgação mundial do aquífero, se ter uma água com marca

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

conhecida, como ocorre com a *Evian*, *Perrier*, entre outras. A exportação, pura e simples de água para outros países, ainda é inviável economicamente. Prova disso é o Oriente Médio que, com todos os recursos financeiros que possui, dessaliniza a água do mar para abastecimento. A exportação de água do Sistema Aquífero Guarani ocorrerá (e já ocorre) de outra maneira, que é através da exportação de alimentos e de produtos industrializados que utilizem água em seu processo produtivo, como se verá no próximo tópico.

O Brasil é considerado como o potencial maior exportador mundial de alimentos já em 2010, o que é motivo de comemoração para alguns, mas de muita preocupação para a maioria, principalmente para os ambientalistas. Em matéria ambiental, o poder econômico tem falado cada vez mais forte, o que pode ser confirmado pela expansão das plantações de soja, dos transgênicos e da exploração de madeira e agropecuária da Amazônia (COSTA; PAULA, 2006).

Numa economia mundial cada vez mais integrada, a escassez de água cruza fronteiras, destacando-se o comércio internacional de grãos, onde são necessários, por exemplo, 1.650 litros de água para produzir 1 quilograma de soja. Para se ter uma noção geral, são gastos 1.900 litros de água para se produzir 1 quilograma de arroz, 3.500 litros de água, para produzir 1 quilograma de aves e 15.000 litros de água para produzir 1 quilograma de carne bovina (CLARKE; KING, 2005).

Ora, pode se concluir, facilmente, que a importação de grãos é a maneira mais eficiente para os países com *déficit* hídrico importarem água em larga escala. Ou seja, para haver compra de água de um país rico, não é necessário que se exporte água mineral engarrafada, mas sim que se exporte grãos em um comércio internacional já criado, com cotações em bolsas de valores. O que se imagina que será um negócio do futuro (a exportação de água), que ainda demorará a ser desenvolvido e regulamentado de maneira internacional, já existe. As águas brasileiras, ao

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

contrário do que imagina a população e seus governantes, já são exportadas, inclusive as do Sistema Aquífero Guarani.

A Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) divulgou que a colheita da safra de grãos 2005/06 somou 119,7 milhões de toneladas, um aumento de 5,1% em relação ao volume colhido em 2004/05. Para grãos, em geral, se tem os números absolutos de que, para cada tonelada de grãos produzidos são necessários 1.000 toneladas de água. Daí se pode ter a idéia da quantidade de água que já é exportada através da produção agrícola (CONAB, 2006).

Recentemente, com a crescente visibilidade do etanol, mais um interesse norte-americano se tornou claro, que é o de dominar a tecnologia fabril e ter grandes áreas de terras para plantio da cana-de-açúcar. Assim, grandes grupos estão adquirindo áreas de terras disponíveis para a plantação de cana-de-açúcar e, também, construindo usinas. Mais uma vez os dados do Sistema Aquífero Guarani são de suma importância para essa nova vedete, pois as melhores áreas são aquelas conhecidas como de terra roxa (*terra rossa*- terra vermelha), que coincidentemente são extremamente férteis por serem áreas de afloramento do SAG. Ou seja, conhecendo-se o SAG, sabe-se quais são as melhores áreas para serem adquiridas para o cultivo da cana e produção do etanol. Para se ter uma idéia, para se produzir uma tonelada de cana-de-açúcar são necessárias 600 toneladas de água. O que sempre acontece é que o fator água nunca é lembrado quando se fala de aumentar as exportações.

Os produtos industrializados também são formas de exportação de água. A maioria deles necessita de água em sua produção. Uma vez agregada a água ao produto industrializado, ela passa a ter um valor muito maior do que a agregada à agricultura. Uma tonelada de água utilizada na indústria gera um rendimento 70 vezes maior do que uma tonelada de água usada na agricultura. Para se produzir um litro de gasolina, são necessários 10 litros de água; para 1 quilograma de aço, são

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

necessários 95 litros de água, e para se produzir 1 quilograma de papel são necessários 324 litros de água (CLARKE; KING, 2005).

### **Conclusão**

Portanto, muitos ambientalistas e ONGs estão enganados em brigar somente contra a instalação militar na tríplice fronteira ou o medo de guerras por água, mas deveriam estar concentrados em outros pontos de exploração já existentes, como no caso da exportação de grãos e de produtos industrializados. E, agora, com a moda do etanol, grandes áreas agricultáveis serão adquiridas, dando-se preferência para as que possuem afloramentos de aquíferos e com muita água subterrânea disponível. Infelizmente, não estão sendo observados esses pontos e somente se divulga o medo de uma ocupação militar ou de uma guerra pela água, quando a ocupação e exportação de água já existem e estão em escala ascendente gritante.

Ao contrário do que se imagina, é improvável que o domínio norte-americano sobre o Sistema Aquífero Guarani, se dê através de guerras e de instalações de bases militares, mas sim através da aquisição de terras, empresas e concessões por multinacionais. Chega-se a esse entendimento devido ao fato de que, acredita-se que os Estados Unidos tenham tropas durante os 365 dias do ano em algum país da tríplice fronteira, ou nos países próximos e a instalação de uma base militar, com os recursos de logística atuais, seria rápida e eficaz, se necessário fosse. Imaginava-se que a investida norte-americana se daria nos países menores do Mercosul, como Paraguai e Uruguai, que são os maiores interessados em um acordo comercial com os EUA, mas pelo que se viu pelos últimos encontros entre brasileiros e norte-americanos, principalmente na área do etanol, o Brasil já está hipnotizado pelas cifras de moedas estrangeiras.

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

## Bibliografia

ABBOTT, Philip K. “A Ameaça Terrorista na Área da Trílice Fronteira: Mito ou Realidade”. *Military Review*. Ed. Brasileira - Janeiro-Fevereiro. Fort Leavenworth, EUA, 2005, p. 18.

AGÊNCIA ESTADO. “Base antidrogas no Paraguai também será utilizada por norte-americanos”. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ultimas/cidades/noticias/2006/0ago/30/200.htm>>. Consultado em 02/09/2006.

BLACK, John Cofer. *Testemunho para o Comitê sobre Relações Internacionais, Subcomissão sobre Terrorismo Internacional, não proliferação e Direitos Humanos*. Câmara dos Deputados dos EUA, Washington D.C. Disponível em: <[www.house.gov/international\\_relations/108/blac0326.htm](http://www.house.gov/international_relations/108/blac0326.htm)>. Consultado em 15/08/2006.

CAETANO, Lúcio Carramillo; CARVALHO, Cristina Guimarães. “Água Mineral 2005”. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br/assets/galeriadocumento/sumariomineral2005/Agua%20Mineral%202005rev.doc>>. Consultado em: 16/08/2006.

CLARKE, Robin; KING, Jannet. *O atlas da água*. Tradução: Anna Maria Quirino. São Paulo: Publifolha, 2005.

CONAB. (Companhia Nacional de Abastecimento). *Avaliação da Safra 2005/06 – agosto de 2006*. Disponível em: <[http://www.conab.gov.br/download/safra/boletim\\_safra9\\_06.pdf](http://www.conab.gov.br/download/safra/boletim_safra9_06.pdf)>. Consultado em: 20/08/2006.

COSTA, Luciano Martins; PAULA, Mônica. “Governo encara dilema de exportar alimentos ou alimentar brasileiros”. *Jornal da Cidade de Bauru*, 09/07/2006. Agenda Brasil, p. 12

CROCETTI, Melissa. “Águas do Guarani II – Entrevista com Ernani Francisco da Rosa Filho”. Revista OnLine *EcoTerra Brasil*. Disponível em: <<http://www.ecoterrabrasil.com.br/home/index.php?pg=ecoentrevistas&tipo=temas&cd=819>>. Consultado em: 10/08/2006.

CROCETTI, Melissa. “Águas do Guarani IV – Entrevista com Luiz Amore.” Revista OnLine *EcoTerra Brasil*. Disponível em: <<http://www.ecoterrabrasil.com.br/home/index.php?pg=ecoentrevistas&tipo=temas&cd=856>>. Consultado em: 10/08/2006a.

DEAK, André; PAIVA, Bianca. “Professor Moniz Bandeira diz que EUA têm ‘cinturão militar’ em volta do Brasil”. Disponível em: <[http://www.radiobras.gov.br/materia\\_i\\_2004.php?materia=253250&editoria=>](http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=253250&editoria=>)>. Consultado em 10/07/2006.

DEEN, Thalif. “Água: o mito da guerra fluvial”. *Envolverde Revista Digital*. Disponível em: <<http://www.jornaldomeioambiente.com.br/materia.php?cod=21827&edt=>>>. Consultado em: 28/08/2006.

O Sistema Aquífero Guarani face aos interesses norte-americanos: dominação militar ou econômica?

FOLHA ONLINE. “Uruguai busca acordos comerciais com Índia e Chin”a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u110165.shtml>> Consultado em 14/08/2006.

MERLI, Daniel. *Fórum da Tríplice Fronteira discute aquífero e presença militar dos EUA*. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/07/21/materia.2006-07-21.2717427438/view>>. Consultado em: 26/07/2006.

MISSIONES ONLINE. *Estados Unidos destinará un millón de dólares a la Triple Frontera para investigar relaciones con el terrorismo* 26/12/2002. Disponível em: <<http://www.misionesonline.net/paginas/principal.php?db=noticias2002&id=54193>> Consultado em: 20/07/2005.

OZ, Fernando. *Estados Unidos sospecha que desde la Triple Frontera se financian grupos terroristas*. 2002. Disponível em: <http://www.misionesonline.net/paginas/principal.php?db=noticias2002&id=53951>>. Consultado em: 10/07/2005.

PAG (Projeto Sistema Aquífero Guarani). Projeto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do Sistema Aquífero Guarani Disponível em: <<http://www.sg-guarani.org/index/site/index.php?language=pt>>. Consultado em: 24/04/2005.

PNUD (Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento). *Relatório do Desenvolvimento Humano – 2006. A água para lá da escassez: poder, pobreza e a crise mundial da água*. Nova Iorque- USA: PNUD, 2006.

WATKINS, Kevin; BERNTTELL, Anders. *Um problema global*. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk>>. Consultado em 25/08/2006.